CAPÍTULO 5 - 439A6–B14

> *439a6 Acerca dos objetos sensíveis, em relação a cada parte sensitiva — quero dizer, por exemplo, a cor e o som e o odor e o sabor e o tato — foi dito de modo geral nas discussões Da Alma qual é a sua ação; e o que é operar em relação a cada parte sensitiva. Mas é necessário dizer o que cada um deles é; isto é, deve-se considerar o que é a cor, o que é o som, o que é o odor, o que é o sabor, e similarmente também acerca do tato. E primeiro acerca da cor.*
>
> *439a12 Cada um, então, é dito de dois modos: por um lado em ato, por outro em potência. Consequentemente, o que a cor em ato é, e o som, como eles são os mesmos que ou diferentes dos poderes sensitivos em ato, a saber, ver e ouvir, foi dito nas discussões Da Alma. Mas digamos agora o que cada um deles é que deveria causar a sensação e o ato.*
>
> *439a18 Consequentemente, como foi dito acerca da luz naquelas discussões, ela é a cor do transparente por acidente. Pois quando algo iluminado existe no transparente, a presença é a luz, e a privação, a escuridão.*
>
> *439a21 Mas o que chamamos transparente não é uma propriedade do ar, da água ou de qualquer um dos corpos mencionados, mas é uma natureza e poder comum. Não é separado, mas está presente nestes e em outros corpos, em alguns em maior grau, em outros em menor.*
>
> *439a25 Portanto, assim como há necessariamente um limite dos corpos, também há deste. Ora, a natureza da luz está no transparente ilimitado. Mas é óbvio que haverá um limite do transparente que está nos corpos, e que isto é a cor fica claro pelo que acontece: pois a cor está no limite ou é o limite. Daí os pitagóricos chamaram a cor de uma "epifania"; pois ela está no limite de um corpo, mas não é o limite do corpo.*
>
> *439a33 Ora, deve-se pensar que é a mesma natureza que é colorida externa e intrinsecamente. O ar e a água aparecem como coisas coloridas, pois a aurora é tal coisa. Mas neste caso, porque está em algo indeterminado, nem o ar nem o mar têm a mesma cor para aqueles que se aproximam de perto e de longe. Mas nos corpos, a menos que algo que contém faça uma mudança, há uma fantasia determinada da cor. Portanto, é claro que tanto nos primeiros quanto nos últimos é a mesma coisa que é receptiva da cor. Portanto, o transparente, segundo existe nos corpos — e existe em todos eles, em maior ou menor grau — é o que faz com que as cores sejam participadas. Mas porque a cor está no*

> *limite, ela será um limite disso.*
>
> *439b1 Portanto, a cor será o limite do transparente em um corpo determinado.*
>
> *439b12 E nas coisas transparentes, como a água e qualquer outra coisa desse tipo, e em tudo o que parece ter uma cor própria — em todas estas, está igualmente no limite.*

Comentário

439a6 Após o Filósofo ter aplicado a consideração sobre as potências sensitivas dos animais aos órgãos dos sentidos, aqui ele a aplica aos próprios objetos sensíveis.

Primeiro, ele declara sua intenção. Segundo, executa sua proposta, onde diz: *Por conseguinte, como foi dito acerca da luz* (439a18).

No primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, propõe sua intenção. Segundo, esclarece o que disse, onde diz: *Cada um, então, é dito de dois modos* (439a12).

Assim, ele fala primeiro dos objetos sensíveis próprios, aqueles percebidos em relação a cada parte sensitiva, isto é, cada órgão sensorial individual, o que ele faz para distingui-los dos sensíveis comuns. Os sensíveis próprios são a cor, o som e o odor, que são percebidos pela visão, audição e olfato; e o paladar e o tato — isto é, os objetos desses sentidos. Ele diz que foi dito em *Sobre a Alma*, de modo geral, tanto como eles agem sobre uma potência sensitiva quanto a natureza da operação da potência sensitiva em relação a cada órgão afetado pelos objetos sensíveis mencionados. Pois foi dito em *Sobre a Alma* II que uma potência sensitiva é um objeto sensível em potência, e que os objetos sensíveis fazem uma potência sensitiva estar em ato.† Nota: Mas agora deve-se considerar o que cada objeto sensível é em si mesmo, isto é, o que é a cor, o que é o som, o que é o odor, o que é o sabor, e similarmente quanto ao tato — isto é, os objetos do tato. Mas primeiro deve-se discutir a cor, que é o objeto da visão, porque a visão é o mais espiritual dos sentidos.

+0+

Não se deve entender com isso que ele pretende fazer uma determinação sobre todos esses objetos sensíveis neste livro, mas sim que a consideração de todos eles é necessária para a intenção proposta. Mas os objetos do tato são ou propriedades dos elementos, a saber, quente, frio, umidade e secura, sobre os quais foi feita uma determinação no livro *Sobre a Geração e a Corrupção*;† ou são propriedades dos corpos individuais, como dureza e moleza, e assim por diante, sobre os quais foi feita uma determinação no livro *Meteorologia*.† Portanto, o que resta agora é fazer uma determinação sobre três coisas, a saber, cor, odor e sabor. Pois uma determinação sobre o som foi feita no livro *Sobre a Alma*, porque a explicação da produção do som é a mesma que a explicação da alteração do órgão auditivo pelo som, e o modo como os órgãos dos sentidos são alterados pelos objetos sensíveis pertence à consideração feita no livro *Sobre a Alma*.†

+0+

439a12 Então, quando ele diz: *Cada um, então, é dito de dois modos*, explica o que foi dito, a saber, que se deve considerar o que é a cor, o que é o sabor, etc.

Pois cada um destes existe de dois modos: de um modo, enquanto é sentido em ato, e de outro modo, enquanto é sensível em potência. O que cada um deles é segundo o ato — isto é, segundo a cor, o sabor, ou qualquer outro objeto sensível, é percebido em ato pelo sentido — foi dito em *Sobre a Alma*. Isto é, foi dito como cada um deles é o mesmo que ou diferente de uma potência sensitiva em ato, como ver ou ouvir: pois o visível em ato é o mesmo que a visão em ato, mas o visível em potência não é o mesmo que a visão em potência. Assim, o que cada um dos objetos sensíveis é em ato foi dito em *Sobre a Alma*, onde foi feita uma determinação sobre as potências sensitivas em ato.† Mas o que cada coisa que é de tal natureza a ponto de fazer a potência sensitiva estar em ato é em si mesma deve ser dito agora, no presente livro.

439a18 Então, quando ele diz: *Por conseguinte, como foi dito acerca da luz*, ele faz uma determinação sobre os objetos sensíveis na ordem já estabelecida: primeiro, a cor; segundo, o sabor, onde diz: *O odor e o sabor devem ser discutidos* (Capítulo 8, 440b28); e terceiro, o odor, onde diz: *Os odores devem ser entendidos do mesmo modo* (Capítulo 11, 442b27).

A primeira parte é dividida em duas partes. Na primeira, ele mostra o que é a cor em geral. Na segunda, ele faz uma determinação sobre as diferenças entre as cores, onde diz: *Por conseguinte, o que causa a luz* (Capítulo 6, 439b14).

No primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta os princípios da cor. Segundo, investiga a definição da cor com base nesses princípios, onde diz: *Portanto, como necessariamente há um limite dos corpos* (439a25).

Ora, há dois princípios da cor: um é formal, a saber, a luz; o outro é material, a saber, o transparente. Assim, ele primeiro toca no princípio formal, a luz; e segundo, no princípio material, o transparente, onde diz: *Mas o que chamamos de transparente* (439a21).

Assim, ele primeiro diz que, como foi dito no livro *Sobre a Alma*, a luz é a cor do transparente. Ele diz isso segundo uma analogia (*proportio*): assim como a cor é a forma e a atualidade de um corpo colorido, a luz é a forma e a atualidade do transparente. Mas elas são diferentes na medida em que um corpo colorido tem a causa de sua cor em si mesmo, enquanto um corpo transparente só tem sua luz a partir de outra coisa. É por isso que ele diz que a luz é a cor do transparente acidentalmente, isto é, através de outra coisa, e não que a luz seja a atualidade do transparente enquanto tal. Ele mostra que a luz é a atualidade do transparente através de outra coisa da seguinte maneira. Quando um corpo iluminado — isto é, brilhante em ato — está presente ao transparente, a luz é causada no transparente pela presença desse corpo, e a escuridão pela sua privação. Mas não é assim com a cor, porque a cor permanece em um corpo colorido independentemente do que está presente ou ausente dele, embora não esteja em ato visível sem luz.

439a21 Em seguida, quando ele diz: *Mas o que chamamos de transparente*, ele faz uma determinação sobre o transparente.

Ele diz que o que se chama de transparente não é uma propriedade nem do ar, nem da água, nem de qualquer corpo semelhante — por exemplo, vidro e outros corpos transparentes —, mas é uma "natureza" comum encontrada em muitos corpos — isto é, uma propriedade natural encontrada em muitas coisas —, uma que ele também chama de "potência" (*virtus*) na medida em que é um princípio da visão. Agora, Platão sustentava que, assim como o que é comum é separado na inteligibilidade (*ratio*), também o é na existência (*esse*). Portanto, para eliminar essa posição, ele acrescenta que a natureza do transparente não é uma natureza separada, mas está nesses corpos sensíveis — a saber, ar e água — e também em outros, em alguns em maior grau, e em outros em menor.

+0+

Para esclarecer isso, deve-se saber que, como o Filósofo diz em *Sobre a Alma* II, o visível não é apenas a cor, mas também outra coisa que é apreendida pela razão, mas não tem nome. Nota de rodapé Assim, no gênero do visível, tomado em geral, há algo que está como atualidade e algo que está como potência. O que está nesse gênero como atualidade não é uma qualidade própria de nenhum dos elementos, mas sim a própria luz, que existe primeiramente no corpo celeste, do qual é derivada para os corpos inferiores. O que está nesse gênero como potência é o que é propriamente receptivo da luz, o que é disposto numa ordem de três níveis.

O primeiro nível é alcançado quando o que é receptivo da luz está totalmente preenchido por ela, sendo, por assim dizer, perfeitamente levado à atualidade, de modo que não pode receber nenhuma outra qualidade ou forma desse tipo. De todos os corpos, isso é mais verdadeiro para o sol, razão pela qual o corpo do sol não pode ser um meio na visão que recebe e transmite uma forma visível. E a propriedade de brilhar, descendo em uma certa ordem, alcança o fogo, e, além disso, certos corpos que, devido à pequenez de sua luz, só podem brilhar à noite, como foi dito acima.

O segundo nível pertence ao que não tem luz em ato por si mesmo, mas é receptivo da luz através de todo o seu ser. Tais corpos são propriamente chamados de "perspícuos" ou "transparentes", ou também "diáfanos", pois em grego significa o mesmo que "visível". Essa propriedade de ser transparente é encontrada em maior grau nos corpos celestes, exceto nos corpos das estrelas, que ocultam o que está por trás deles. Em segundo lugar, está no fogo, isto é, no fogo em sua esfera própria, devido à sua sutileza. Em terceiro lugar, está no ar, em quarto, na água, e em quinto, até mesmo em certos corpos feitos de terra, devido a uma abundância de ar ou água que também está neles.

O terceiro e mais baixo nível pertence à terra, que está mais distante do corpo celeste, e é por natureza receptiva da luz no menor grau, isto é, apenas em sua superfície. Pois suas partes externas, devido à sua espessura, obscurecem as internas, de modo que a luz não pode alcançá-las.

Agora, embora seja apenas no caso de corpos do nível intermediário que se fala propriamente de "transparente" ou "diáfano" segundo o significado próprio do termo, no entanto, de modo geral, pode-se chamar de "transparente" o que é receptivo da luz de qualquer maneira, e é nesse sentido que o Filósofo parece estar falando aqui do "transparente". Nota de rodapé

+0+

439a25 Em seguida, quando ele diz: *Portanto, assim como há necessariamente um limite dos corpos*, ele investiga a definição de cor.

Primeiro, ele investiga o seu gênero. Segundo, investiga a sua diferença, onde ele diz: *Ninguém deve pensar que é a mesma natureza* (439a33). Terceiro, ele conclui a definição, onde ele diz: *Portanto, a cor será* (439b11).

+0+

Agora, deve-se considerar que o sujeito deve sempre ser colocado na definição de um acidente, como se diz em *Metafísica* VII, Nota de rodapé embora isso seja feito de maneiras diferentes.

Pois, se um acidente é definido em abstrato, o sujeito é colocado no lugar da diferença, e o que pertence à essência do acidente é colocado no lugar do gênero, como quando se diz que "a chatice é a curvatura do nariz".

No entanto, quando um acidente é definido de modo concreto, inversamente, o sujeito é colocado no lugar do gênero, como quando se diz que "um nariz chato é um nariz que é curvado".

Assim, porque aqui a cor deve ser definida de modo abstrato, Aristóteles primeiro começa investigando, no lugar de um gênero, o que a própria cor é essencialmente.

+0+

Ele conclui do que foi dito que, uma vez que o transparente não é uma natureza separada, mas uma que existe nos corpos, é necessário que, assim como há um limite dos corpos no qual essa natureza se encontra, se os corpos são finitos, também deve haver um limite do próprio transparente, que significa uma qualidade de tais corpos. E o argumento é o mesmo para todas as qualidades dos corpos que são acidentalmente quantidades como resultado das quantidades dos corpos e, portanto, são acidentalmente limitadas como resultado dos limites dos corpos.

Assim, deve-se considerar que, assim como alguns corpos (por exemplo, aqueles que consistem de terra) são ditos "limitados" porque são limitados por seus próprios limites, e outros são ditos "ilimitados" porque são limitados não por seus próprios limites, mas pelos limites de outras coisas, assim também ocorre no caso do transparente. Um tipo é "ilimitado" por si mesmo porque não tem em si nada de determinado pelo qual possa ser visto, mas outro é limitado porque tem em si algo pelo qual pode ser visto em relação ao seu próprio limite.

Assim, o transparente ilimitado é receptivo à luz, cuja natureza é tal que é recebida não apenas em um limite, mas através de um todo. Mas é claro que há um limite desse transparente que, como foi dito, é uma qualidade existente nos corpos. E que isso é cor fica claro a partir do que acontece. Pois os corpos coloridos são vistos apenas em seus limites, do que é evidente que a cor ou é o limite de um corpo ou está no limite de um corpo. E daí vem que os pitagóricos chamavam a cor de "epifania" — isto é, uma "aparição sobre" — porque o que aparece na superfície dos corpos é a cor. Mas não é verdade que a cor seja o limite de um corpo, como sustentavam os pitagóricos, pois

assim seria uma superfície ou linha ou ponto. Mas ela está no limite de um corpo, assim como a natureza do transparente está nos corpos.

439a33 Em seguida, quando ele diz **Agora, deve-se pensar que é a mesma natureza**, ele investiga o que é colocado na definição de cor como a diferença, ou seja, seu sujeito, que é o transparente.

Ele diz que se deve pensar que é a mesma natureza que é receptiva da cor em corpos que são coloridos de fora — isto é, não por sua própria cor, mas por algo externo a eles — e naqueles que são coloridos intrinsecamente por sua própria cor. Aqueles que são coloridos de fora são transparentes, por exemplo, o ar e a água; ele esclarece isso com a cor que aparece ao amanhecer através do brilho dos raios solares em certos corpos.

No entanto, ele fornece uma diferença entre corpos que são coloridos de fora e aqueles coloridos por si mesmos. Naqueles que são coloridos de fora, porque não têm de si mesmos uma cor determinada, a cor não parece ser a mesma de perto e de longe, como é claro no caso do ar e da água do mar, que de longe parecem ser de outra cor do que de perto; pois, porque sua cor é vista por uma reflexão, sua aparência necessariamente varia com a variação da localização daqueles que a olham devido aos diferentes ângulos de reflexão. Mas em corpos que de si mesmos têm uma cor determinada, há uma "fantasia" — isto é, aparência — determinada de cor e ela não varia com as diferentes localizações daqueles que a olham, exceto talvez acidentalmente, por exemplo, quando um corpo que contém causa uma mudança de aparência; ou quando uma cor é vista através de outra, como quando o que está contido em um vaso de vidro vermelho parece vermelho; ou ainda pelo tipo de reflexão da luz, como aparece no pescoço do pombo.

Portanto, porque a cor, que é vista em ambos os tipos de corpo, não difere com respeito ao sujeito próprio da cor, mas apenas com respeito à causa de sua aparência, que é intrínseca ou extrínseca, é claro que em ambos os casos é a mesma coisa que é receptiva da cor. E porque o transparente é o que é receptivo da cor naquilo que é colorido de fora, o transparente é claramente também o que faz com que as coisas intrinsecamente coloridas participem da cor. De fato, o transparente é encontrado nos corpos segundo mais e menos, como foi dito: corpos que têm mais ar ou água têm mais do transparente, e aqueles que têm um excesso de terra têm menos.

Portanto, se unirmos as duas coisas ditas — que a cor está no limite de um corpo, e que os corpos participam da cor com respeito ao transparente — segue-se que a cor é o limite do transparente.

439b11 Em seguida, quando ele diz **Portanto, a cor será**, ele conclui a definição de cor.

Ele faz isso primeiro no caso do que é colorido por si mesmo, intrinsecamente. Segundo, no caso do que é colorido de fora, onde ele diz **E nas coisas transparentes** (439b 12).

Assim, ele conclui que a cor é o limite do transparente. Ele acrescenta **em um corpo determinado**, porque tais corpos são aqueles que são eles mesmos coloridos, e o que é *per se* deve ser colocado na definição de uma coisa.

+0+

Agora, sua afirmação de que a cor é o limite do transparente não se opõe ao que ele disse acima, que a cor não é um limite. Pois ele disse aquilo com referência ao limite de um corpo, mas aqui ele está falando do limite do transparente, que ele chama de qualidade de um corpo, como o quente e o branco. Assim, a cor não está na categoria de quantidade — como a superfície, que é o limite de um corpo —, mas na categoria de qualidade. O transparente também está na categoria de qualidade, porque um limite e aquilo de que ele é o limite pertencem a uma mesma categoria. E assim como os corpos têm superfície em seu interior em potência, mas não em ato, também são coloridos em seu interior em potência, mas não em ato, e essa potência é levada ao ato quando ocorre a divisão do corpo. Pois o que é interior não tem em ato o poder de mover a visão, poder que pertence por si à cor.

439b12 Então, quando ele diz *E nas coisas transparentes*, ele esclarece a natureza (ratio) da cor no caso de coisas transparentes ilimitadas, como a água, ou qualquer outra coisa desse tipo que tenha cor: em todas elas, há cor apenas em relação ao limite.

Revision #2
Created 5 October 2026 23:37:35 by Admin
Updated 7 October 2026 00:11:06 by Admin